



Notre-Me Tangein, 1581, Louvre Fontaine

4

reflexões sobre a Igreja

Em 2019, por chuvosa semana de Páscoa a tornar mais verdejantes os campos largos que avisto, também eu, [...], continuo a contemplar e interrogar um mistério, na esperança de que certo dia me seja desvendado.

o mistério da Ressurreição

Não há testemunhas presenciais do levantamento de Jesus Cristo do chão dos mortos. Não há relatos, reportagens, desse momento fundamental, fundador, da fé cristã. As narrativas existentes do sucesso, ou acontecimento, dessa Ressurreição apenas nos contam a descoberta do sepulcro vazio. O capítulo XVI do Evangelho de Marcos - que a seguir te transcrevo na tradução de Frederico Lourenço - é curta, incisiva, interrogadora, quicá cheia de uma verdade que, todavia, para a condição humana do leitor, poderá não ser assim tão evidente:

Passado o sábado, Maria Madalena, Maria, mãe de Tiago, e Salomé compraram perfumes para irem embalsamá-lo. E muito cedo de manhã, no primeiro dia da semana, elas vão até ao sepulcro tendo já nascido o sol.

E diziam entre si: «Quem rolará para nós a pedra da entrada do sepulcro?» E tendo olhado à sua volta, veem que a pedra tinha sido rolada para o lado; e era muito grande. E entrando elas no sepulcro, viram um jovem sentado à direita, vestido com uma túnica branca, e ficaram apavoradas.

Ele diz-lhes: «Não vos assusteis. É Jesus, o Nazareno, que procurais, o crucificado? Ressuscitou. Não está aqui. Vede o lugar onde o depuseram. Mas ide e dizei aos seus discípulos e a Pedro: "Ele vai à vossa frente, a caminho da Galileia; lá o vereis, tal como ele vos disse.»

E elas, saindo, fugiram do sepulcro, pois dominava-as um tremor e um êxtase. E nada disseram a ninguém: tinham medo, pois.

Assim termina uma das quatro narrativas canónicas da Boa Nova de

Jesus Cristo, esta sendo, provavelmente, a mais antiga. Como se fossem todos saduceus ou, noutra hipótese, considerassem que a ressurreição dos mortos fosse algo só imaginável no após fim do mundo, do tempo e do espaço, quando rebentassem inúmeras catástrofes. Tinham medo dos fantasmas, como todos nós, nas nossas culturas, ao longo de milénios... Qualquer contacto com os espíritos dos mortos seria necessariamente obra do maligno, ou como descer aos infernos, ao Hades donde nem Orfeu logrou tirar Eurídice, mas apenas o castigo que o levou a quedar-se explodido na abóboda estelar...

Já o mais tardio dos evangelhos, o de João, no seu penúltimo capítulo (o XX), reportando embora o túmulo vazio e a ausência imediata de Jesus, conta que Maria Madalena desatou a correr e foi ter com Pedro e o discípulo que Jesus amava: «*Levaram o Senhor do túmulo e não sabemos onde o puseram!*» Ambos então acorreram ao local, entraram no túmulo e encontraram e viram que os panos que envolviam o corpo estavam depostos, e o sudário que estivera à volta da cabeça dele não jazia juntamente com os panos, mas dobrado à parte em lugar próprio. Então, o outro discípulo, que chegara primeiro ao túmulo, entrou e viu e acreditou. Ainda não conheciam o trecho da Escritura, segundo o qual ele tinha de ressuscitar dos mortos. Os discípulos voltaram de novo para junto dos seus. E o Evangelho segundo S. João prossegue o relato da cena que nos deixa adivinhar o mistério da Ressurreição e nos põe a interroga-lo. Não só sobre o que será ou possa ser

ressurgir dos mortos, mas, desde logo, sobre os modos como nos poderemos relacionar com essa eventualidade anunciada. Todos e qualquer de nós, mesmo quem tenha ou creia ter fé. Os textos de João Evangelista que seguidamente transcrevo (sempre na versão de Frederico Lourenço) são bem elucidativos do paradoxo da fé:

Maria Madalena ficou de pé a chorar no exterior do túmulo. Enquanto chorava, espreitou para dentro do túmulo e viu dois anjos sentados, vestidos de branco, um à cabeça, outro aos pés, no sítio onde jazera o corpo de Jesus. E eles dizem-lhe: «Mulher, porque choras?» Ela diz-lhes: «Porque levaram o meu Senhor e não sei onde o puseram. Enquanto ela dizia isto, voltou-se para trás e viu Jesus e pé e não sabia que era Jesus. Jesus diz-lhe: «Mulher, porque choras? Quem procuras?» Ela, pensando que ele é o jardineiro, diz-lhe: «Senhor, se o levaste, diz-me onde o puseste e eu levo-o.» Diz-lhe Jesus: «Maria!» Ela, voltando-se, diz-lhe em hebraico: «Rabouni!» (o que quer dizer Mestre). Jesus diz-lhe: «Não me toques. Ainda não ascendi para o Pai. Vai para junto dos meus irmãos e diz-lhes: "Subo para meu Pai e vosso, Deus meu e Deus vosso".» Chega Maria Madalena anunciando aos discípulos que «vi o Senhor!» e as coisas que ele lhe disse.

Antes de passar ao trecho seguinte - para voltarmos aos diferentes modos da fé - deixa-me, Princesa de mim, fazer sobre este um comentário linguístico e trazer-te uma recordação pictórica. O primeiro manifesta a minha maior simpatia por outra tradução da expressão grega "mé mo hpto": *não me retenhas!* Em vez de *não me toques*, como na latina da Vulgata, por que é

sobejamente conhecida, *noli me tangere*. Dir-te-ei porquê, ao comentar duas representações da mesma cena: a de Hans Holbein Júnior e a de Lavínia Fontana, uma hoje presente na galeria real de Hampton Court, perto de Londres, onde a visitei com os meus netos, outra nos Uffizi de Florença, que também contemplei em tempos mais meus... À primeira, curiosamente e sem machismo algum, chamam-lhe *Noli me tangere*; à segunda, pintada por uma mulher, chamam *Aparição de Cristo Ressuscitado a Maria Madalena*...

Jean-Luc Nancy, filósofo, escreve no seu *Noli Me Tangere* (Paris, Bayard, 2003): *Na maioria das suas representações pictóricas, Noli me tangere dá azo a notáveis jogos de mãos: aproximação e designação do outro, arabesco de dedos afinados, prece e bênção, esboço de um toque, de um afago, indicação de prudência ou de um aviso. Todas essas mãos desenham uma promessa tenção ou retenção, de se ligarem uma às outras: na verdade, estão, muitas vezes, não só bem no centro do desenho, mas como se fossem o próprio desenho, como as mãos do pintor que diligencia e manipula o desligar dos seus dedos e das suas palmas... Na verdade, essas mãos são signos e sinais da intriga de uma chegada (a de Madalena) e de uma partida (a de Jesus), mãos prontas a juntarem-se, mas já disjuntas, e tão distantes quanto a sombra da luz, mãos que trocam saudações mescladas de desejos, mãos que apontam os corpos tanto quanto designam o céu...*

No quadro de Holbein o Jovem, Jesus e Maria estão ambos de pé, mas ela, segurando o vaso de bálsamo com a mão esquerda, inclina-se para a frente,

estendendo a direita, como para tocar em Jesus e certificar-se de que ali está mesmo o seu Mestre. Este, pelo contrário, inclina-se para trás, frustrando-se à mão que o procura, e atirando para a frente os seus dois braços, como que a mandá-la parar.

Na pintura de Lavínia Fontana, também do século XVI, Jesus, vestido de jardineiro, com chapéu de palha na cabeça e uma pá ou sacho na mão esquerda, estende a direita sobre a cabeça de Madalena ajoelhada a seus pés, de braços abertos e vaso perfumador na sua mão esquerda, enquanto a direita revela uma íntima ação de graças, como se o gesto suspenso do Mestre, que não lhe toca, fosse simultaneamente uma bênção de despedida e uma promessa.

Apesar das suas muitas diferenças, ambas estas representações ilustram a mesma narrativa evangélica, são a sua reportagem pictórica. Comumente, Cristo Ressuscitado é mais representado vestido de luminoso tecido branco e segurando na mão esquerda um estandarte, de semelhante alvura, sobre a qual surge uma cruz vermelha, e por vezes parece lança espetada sobre o túmulo da própria morte, pois só esta agora ali se encontra, como celebração do triunfo do Ressuscitado. Nestas duas que temos vindo a ver, apenas se conta um episódio, não há qualquer retrato de um corpo ressuscitado. A este sói chamar-se *corpo glorioso*, quiçá para o diferenciar dos fantasmas imaginários que tanto assombramento causam. Talvez para vencer o medo que o desconhecido sempre nos mete cá dentro. Seja o que

for, se até deste mundo sabemos muito pouco, apesar de o situarmos no espaço/tempo que nos permita entendê-lo, que poderemos dizer do outro, infinito e intemporal? Assim, a glória, tal como suas derivadas verbalizações e adjetivações, são apenas conceitos que criamos, neste caso, para designar o indesignável: a realidade (que não é condicionada) da imortalidade, e o seu lugar (que ou é nenhures ou omnipresente).

A fé na Ressurreição não é, pois, não pode ser, o conhecimento, nem sequer a imaginação, de algo palpável. Cristo ressuscitado já não pode continuar entre nós em condição humana, pois esta é periclitante e terminal. Muitos gostaríamos de poder retê-lo e tocar-lhe. Mas, desde o início do seu ensino, Jesus diz-nos que terá de padecer, morrer e ressuscitar para voltar para o Pai. E, em troca da sua ausência necessária, deixa-nos a memória de si e o Espírito de Vida. Deus não está connosco como se o Transcendente pudesse existir submetido à condição humana. Veio uma vez e revolucionou a nossa vida, em sentido próprio: deu-lhe a volta completa para nos pôr, a nós, outra vez, no início do mundo. Agora já como seu Corpo Místico, celebrado na ação de graças que é a Eucaristia, mas vivificado pelo Espírito Paráclito que anima o sacramento cristão por excelência: amai-vos uns aos outros.

O mesmíssimo capítulo XX do Evangelho de João conta-nos, depois da narrativa da Madalena que, sem sequer ter podido tocar o Senhor, o reconheceu e foi, correndo, contar aos discípulos fechados em medos que o tinha visto, a

visita que Cristo Ressuscitado lhes faz, ali onde, temerosos, se tinham trancado: «Paz para vós». E dizendo-lhes isto, mostrou-lhes as mãos e o flanco. Então, os discípulos alegraram-se ao verem o Senhor... ... Mas Tomé, um dos doze, não estava com eles quando Jesus veio. Os outros discípulos diziam-lhe: «Vimos o Senhor!» Mas ele disse-lhes: «A não ser que veja nas mãos dele a marca dos pregos e ponha o meu dedo na marca dos pregos e ponha a minha mão dentro do flanco dele, não acreditarei». E oito dias depois, os discípulos estavam de novo dentro, e Tomé estava com eles. Chega Jesus, estando trancadas as portas, e pôs-se de pé a meio e disse: «Paz para vós.» Depois diz a Tomé: «Aproxima o teu dedo daqui e vê as minhas mãos e aproxima a tua mão e põe-na no meu flanco e não te tornes descrente, mas sim crente.» Tomé respondeu e disse-lhe: «Meu Senhor e meu Deus.» Diz-lhe Jesus: «Porque me viste, acreditaste? Bem-aventurados os que não viram e acreditaram».

Caravaggio, na sua *Incredulidade de São Tomé* (1600-1), que vi no Neues Palais, em Potsdam, pinta com intenso realismo físico o dedo do apóstolo a meter-se no lado lancetado do Mestre, cuja mão esquerda lhe segura e empurra a direita para que toque bem a ferida. Há uma força voluntarista e serena no rosto atento de Jesus, enquanto Tomé parece atónito e confuso, e outros dois apóstolos (Pedro e João?) se debruçam como quem quer certificar-se. Não surge sangue algum, um corpo ressuscitado já está livre de qualquer sinal ou atributo de vida

carnal. E qualquer certeza física da Ressurreição parece aqui deslocada, quase absurda. Pertence já ao domínio da simples fé, substância das coisas que hão de vir.

Outra tela do Caravaggio, coeva desta (1601), oferece-nos, na National Gallery, em Londres, *A Ceia de Emaús*, um conto neotestamentário que resume bem a herança que Jesus Cristo deixa depois de morto e ressuscitado. Sentado à mesa já composta para a ceia, o Senhor é figura central, cujo braço direito se ergue sobre os alimentos presentes, em que se reconhecem o pão e o vinho eucarísticos, num gesto de bênção e oferta. À sua esquerda senta-se um discípulo (Pedro?) que, com os braços abertos em cruz, se debruça como quem abraça o gesto do Mestre. Diante deste senta-se outro discípulo que, segurando-se com força ao seu assento, fita o mesmo gesto com o maravilhamento de quem assiste a uma revelação. De pé, quase por detrás de Jesus, o estalajadeiro, com semblante muito sério, contempla e escuta os gestos e palavras do celebrante, interrogando-se, talvez, sobre o que se está na realidade passando.

E em 2019, por chuvosa semana de Páscoa a tornar mais verdejantes os campos largos que avisto, também eu, minha Princesa de mim, continuo a contemplar e interrogar um mistério, na esperança de que certo dia me seja desvendado.

Camilo Maria

Camilo Martins de Oliveira

o que nos quer transmitir Francisco com *A Alegria do amor [Amoris laetitia]*?

A*moris laetitia*, fruto do longo “processo sinodal” que decorreu entre 2014 e 2015, está em conformidade com o que acabámos por aceitar como sendo o estilo pastoral não académico do papa Francisco. Esta exortação inspira-se nas catequeses de Francisco e João Paulo II, bem como em documentos de Conferências Episcopais realizadas por todo o mundo. Com cinquenta e duas mil e quinhentas palavras, é um documento bastante grande. Mas como é que este texto aborda, realmente, as questões, por vezes objeto de debates acalorados, surgidas no decurso dos encontros sinodais em Roma?

Se procurarmos uma chave interpretativa, ela pode estar nesta declaração que aparece logo no início do texto: “quero reiterar que nem todas as discussões doutrinais, morais ou pastorais, devem ser resolvidas através de intervenções do magistério. Naturalmente, na Igreja, é necessária uma unidade de doutrina e práxis, mas isso não impede que existam diferentes maneiras de interpretar alguns aspetos da doutrina, ou algumas consequências que dela decorrem”. Mesmo assim, *Amoris laetitia* é um documento construído cuidadosamente e que, nos debates eclesiais, não dará, a nenhum dos lados opostos, motivo algum para alegar “vitória” ou “derrota”. O papa Francisco apresenta-nos uma exortação que

representa a primeira tentativa de um papa para demonstrar como a colegialidade episcopal do Vaticano II deve funcionar. Baseando-se nos relatórios finais dos Sínodos de 2014 e 2015, o documento tem em conta os debates reais e geradores de clivagens que decorreram nas semanas de discussões sobre a família, o matrimónio, o divórcio e a homossexualidade. Na secção sobre o acompanhamento pastoral, por exemplo, Francisco faz uma extensa citação de três parágrafos do relatório final do Sínodo de 2015, objeto do maior número de votos contrários: o parágrafo 84 (72 votos contra); o parágrafo 85 (80 votos contra); e o parágrafo 86 (64 votos contra).

Amoris laetitia caracteriza-se, duma forma geral, por três tipos bem identificáveis de texto: o primeiro que se baseia no magistério anterior de Francisco, e que vem ajudar a ilustrar as suas intenções, e mostrar para onde pretende conduzir a Igreja; um outro que parece empenhar-se num compromisso, entre as diversas orientações evidenciadas no decurso do debate sinodal; um terceiro que aborda as questões de género masculino e feminino, e educação na família; esta é a parte mais fraca do documento.

A sugestão sobre o objetivo para onde Francisco pretende conduzir a Igreja encontra-se no capítulo 1, parágrafos 36 a 38:

“Convém [fazermos] um salutar esforço de autocritica. Além disso, muitas vezes, apresenta-se o matrimónio de tal modo, que o seu fim unitivo, o convite a crescer no amor e o ideal de ajuda mútua, ficam ofuscados por uma ênfase posta, quase exclusivamente, no dever da procriação. (...) Pensámos, durante muito tempo que, com a simples insistência em questões doutrinais, bioéticas e morais, sem motivar a abertura à graça, já

estávamos a apoiar, suficientemente, as famílias, a consolidar o vínculo dos esposos e a encher de sentido as suas vidas compartilhadas. (...) Muitos não sentem a mensagem da Igreja sobre o matrimónio e a família como um reflexo claro da pregação e das atitudes de Jesus, o qual, ao mesmo tempo que propunha um ideal exigente, não deixava de se aproximar, cheio de compaixão, das pessoas frágeis como a samaritana ou a mulher adúltera”.

No capítulo 8, há uma declaração sobre a necessidade de diferenciar e distinguir entre situações diferentes dos católicos divorciados e que voltaram a casar, e sobre o valor do matrimónio civil. Tem particular interesse (se nos recordarmos dos intensos diálogos sobre o tema entre cardeais, especialmente do discurso de abertura do cardeal húngaro Péter Erdő, no Sínodo de 2015): “Não se trata duma ‘gradualidade da lei’, mas duma gradualidade no exercício prudencial dos atos livres, em sujeitos que não estão em condições de compreender, apreciar ou praticar, plenamente, as exigências objetivas da lei”.

Ainda no capítulo 8, Francisco levanta, também, a questão do discernimento, quando se está perante casos difíceis que não coincidem com o magistério da Igreja: **“este discernimento é dinâmico, e deve permanecer sempre aberto a novas etapas de crescimento e novas decisões, que permitam realizar o ideal de forma mais completa”** (parágrafo 303). Muito importantes nesta secção são as notas de rodapé – especialmente a 329: **“como faltam algumas expressões de intimidade, não raro se põe em risco a fidelidade e se compromete o bem da prole”**, quando os fiéis divorciados e casados de novo vivem juntos **“como irmão e irmã”**. Não existe nenhuma referência à **“comunhão espiritual”** (ou seja, não sacramental) aos divorciados e casados de novo – uma mudança significativa, em relação ao período pré-Francisco.

E, quanto à questão do acesso à Eucaristia dos divorciados e casados de novo, há uma pequena, embora visível, abertura na

porta:

Não se deve esperar que o Sínodo ou esta exortação apresente um novo conjunto de regras gerais, de natureza canónica e aplicáveis a todos os casos. O que é possível é, simplesmente, um renovado impulso no sentido de se fazer um discernimento pessoal e pastoral responsável dos casos particulares, um discernimento que reconheça que, **“uma vez que ‘o grau de responsabilidade não é igual em todos os casos, as consequências ou efeitos duma norma não devem, necessariamente, ser sempre os mesmos (...) Uma vez que, na própria lei, não há gradualidade (cf. *Familiaris consortio*, 34), este discernimento não poderá, jamais, prescindir das exigências evangélicas de verdade e caridade propostas pela Igreja. Para que isso aconteça, devem garantir-se as necessárias condições de humildade, privacidade, amor à Igreja e à sua doutrina, na busca sincera da vontade de Deus, e no desejo de chegar a uma resposta mais perfeita à mesma’**. Estas atitudes são fundamentais para evitar o grave risco de mensagens equivocadas, como a ideia de qualquer sacerdote poder conceder, rapidamente, **‘exceções’**, ou de haver pessoas que possam obter privilégios sacramentais, em troca de favores” (parágrafo 300).

Francisco parece debater-se, no capítulo 3, com o compromisso entre as sensibilidades mais ligadas ao magistério, e as mais inclinadas para a pastoral, ao citar a *Humanae vitae*, mas sem colocar a ênfase na contraceção (parágrafos 68 e 82), e no capítulo 6, ao destacar o papel da consciência (*Gaudium et spes*), mas incentivando,

também, o planeamento familiar natural. Há quase um completo silêncio sobre a homossexualidade; apenas os parágrafos 250 e 251 do capítulo 6 falam do tema, e o que aí se diz equivale a uma paráfrase do Catecismo: **“Por isso desejo, antes de mais nada, reafirmar que cada pessoa, independentemente da própria orientação sexual, deve ser respeitada na sua dignidade, e acolhida com respeito, procurando evitar ‘qualquer sinal de discriminação injusta’ e, particularmente, toda a forma de agressão e violência”**. Segue-se, imediatamente, uma crítica ao casamento homossexual ou homoafetivo: **“não existe fundamento algum para assimilar ou estabelecer alianças, nem sequer remotas, entre as uniões homossexuais e o desígnio de Deus sobre o matrimónio e a família”** (parágrafo 251). Este **“compromisso”**, reflete, provavelmente, um revés em 2015 nos comentários a respeito da homossexualidade ocorridos no Sínodo de 2014.

O terceiro tipo de texto – sobre género, masculino e feminino, e a educação na família – soa, dolorosamente, inadequado para um discurso sobre o matrimónio e a família. A linguagem parece, no mínimo, ultrapassada, e confirma a maior debilidade de Francisco, no que toca a uma das problemáticas mais urgentes na Igreja contemporânea: a mulher.

Dum modo geral, é provável que *Amoris laetitia* vá ao encontro das esperanças de quem ansiava por alguma mudança pastoral; irá, porém, decepcionar aqueles que esperavam, ingenuamente, por um repensar radical da doutrina. Qualquer alteração a curto prazo em questões delicadas (especialmente no que toca aos divorciados e casados de novo) teria resultado, na opinião de muitos bispos e pastores, em más notícias para um número

significativo de fiéis. Embora Francisco pareça assumir riscos em questões de inclusão, e ao desafiar a minoria tradicionalista, revela-se muito menos assertivo quando aborda questões de **“género e educação”**. Ele pode estar a pagar o preço da distanciação, de há décadas, entre o magistério e a teologia; ainda que Francisco esteja a tentar colmatar a lacuna existente entre o magistério e a realidade pastoral, continua grande a lacuna entre o magistério e a teologia.

Contudo, a orientação deste pontificado vai no sentido de um magistério não ideológico, uma Igreja mais inclusiva, uma Igreja da misericórdia. Uma das referências mais importantes de *Amoris laetitia*, é a alocução de Francisco, proferida no final do Sínodo dos Bispos de 2015: **“um pastor não pode sentir-se satisfeito, se se limita a aplicar leis morais àqueles que vivem em situações ‘irregulares’, como se fossem pedras que se atiram contra a vida das pessoas. É o caso dos corações fechados, que, muitas vezes, se escondem, até, por detrás dos ensinamentos da Igreja, ‘para se sentar na cátedra de Moisés e julgar, às vezes, com superioridade e superficialidade, os casos difíceis e as famílias feridas’”** (capítulo 8, parágrafo 305).

Resta saber, ainda, como este texto vai ser recebido entre os teólogos, os fiéis e, em particular, entre os bispos. Não foi, somente, nos dias e semanas que precederam a publicação desta exortação, que ela foi alvo de críticas por parte de cardeais e bispos, mas durante todo o tempo que durou o processo sinodal. Este fenómeno tornou-se bem evidente, logo no início do pontificado de Francisco. Apesar de tudo, passados três anos, a mudança por ele introduzida é inegável.

A opinião é de **MASSIMO FAGGIOLI**, professor de História do Cristianismo na University of St. Thomas, EUA, publicado por *Commonweal*, 08-04-2016.